

Aumenta a campanha por voto nulo no DF

Na reta final da campanha para as primeiras eleições do DF, os defensores do voto nulo armam-se de tinta, pincel e spray para pichar a cidade e tentar obter o máximo possível de adesões, com o objetivo de atingir o quorum de 50,1 % de votos nulos, o que anula o pleito.

Evandro Farias, do movimento do Partido Verde pelo voto nulo, disse que a maior dificuldade da campanha é a falta de dinheiro e de espaço nos veículos de comunicação: «Está todo mundo criticando a nossa proposta e não temos espaço para nos defender. Até o reitor da UnB, universidade onde estudo, nos chamou de burros. Queremos dizer que não somos burros ou alienados. Fomos o único movimento do país que teve coragem de falar contra esse processo que está aí, para eleger os constituintes. Um processo corrompido e muito sujo».

Para Evandro, votar nulo é um direito de todos aqueles que não se sentem representados pelos candidatos da cidade e que discordam da forma de condução das campanhas. O seu grupo está tentando um debate para quinta-feira, na TV Brasília, com alguns representantes de partidos: «Queremos debater a questão do voto nulo, mas não nos deixam espaço. A nossa campanha tem crescido a cada dia e vamos continuar nas ruas, até o fim».

O jornalista Êzio Pires, presidente do Sindicato dos Escritores do DF, defende a liberdade de votar nulo como «um voto de contestação de quem está vacinado contra o vírus da mentira e da mistificação». Para ele o voto nulo é a legítima defesa do eleitor que é obrigado a votar, mas não tem preferência por nenhum candidato.

«Existe uma descrença generalizada nesse processo eleitoral. As pessoas estão descrentes e desconfiadas das promessas vazias dos candidatos. No PMDB os candidatos prometem, quando deveriam estar fazendo, já que são governo. Por isso apóio o voto nulo. Apóio a liberdade de votar nulo como forma de protesto».

Ressalta, ainda, que o Sindicato dos Escritores não apóia, especificamente, nenhum nome, apesar de alguns de seus filiados serem candidatos, como Pompeu de Souza, (Senado/PMDB), Edisio Gomes de Matos (Câmara/PFL) e Joanir de Oliveira (Câmara/PJ): «O Sindicato, enquanto entidade, defende a liberdade de votar, inclusive de votar nulo. Eu, particularmente, considero o voto nulo como uma postura de protesto, até pela obrigatoriedade do voto. É o contrário do voto em branco, que soma-se aos válidos contra os nulos, configurando-se como um voto reacionário».